

A LAMPADA

PERIODICO LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

REDACTORES: —G. CHAVES E G. RAMOS

ANNO I

CODO 1 de Março de 1893

NUM. 1

A LAMPADA

PUBLICA SE EM DIAS INDETERMINADOS.

Assignatura:

Por semestre ... 15500

 Pedimos encarecidamente a todas as pessoas a quem enviamos A Lampada, o obsequio de, no caso de não aceitar a assignatura, devolver, no espaço de 24 horas, á Typographia Codoense, o numero que lhe fór entregue.

Eis mais um novo luctador nas justas da imprensa nortista.

E' A Lampada, que toma a *libre* do trabalhador para concorrer com o seu pequeno contingente para a reabilitação da nossa nacionalidade.

A Lampada, é uma pequena fagulha, pequena mas radiante, e, que, não obstante a sua pequenez, tende a penetrar no mais longínquo e desconhecido recanto, onde se occultam a ignoran-

cia á braços com a estupidéz e peñantismo; a infamia e a corrupção á braços com a miseria, o sarcasmo e a hypocrisia; nesses recantos obscuros onde a deshonra e o crime alçam o collo á altura da dignidade do homem!

Na quadra evolutiva por que passa o paiz—nós, os filhos do norte, não devemos permanecer como os filhos da Beocia.

Devemos castigar aquelles que só sabem monologar o—*primo vivere deinde philosophare*, embora vendo a patria no ultimo exterior da agonia!

Advogar todos direitos conculcados, e constituir-nos o legitimo defensor do povo e seus direitos; concorrer para os melhoramentos do municipio e do paiz em geral; prestar os nossos serviços á instrucção publica, eis o programma que nos occorre apresentar.

E, apresentado, como fica, o nosso programma, seja-nos licito concluir com estas palavras:

«Jornalistas do mundo inteiro! Despi-vos dos preconceitos nacionaes. Denunciae todos os crimes e nomeae os criminosos.» (Jouy)

horario de trabalhadores

Dentre todos os bens de que necessitam os povos é sem duvida, a regularidade do trabalho um dos mais inestimaveis.

De accordo com esta opinião, que não é nossa, ou samos dirigir aos illustres directores da Manufactureira e Agricola do Maranhão e Constructora Codoense um appello no sentido de proporcionar aos seus obreiros mais algumas horas de descanso durante o dia, ou um pequeno augmento nos salarios dos mesmos.

Quando o commercio achasse em estado *cataleptico*, portanto, impossivel de prestar ao povo meio de vida facil, é de justiça que se attendam as necessidades do homem do trabalho.

Os operarios não são pagos como era de esperar, e encarando seu actual estado ver-se-ha facilmente as necessidades dos pobres.

A companhia manufactureira que encorporou-se para realisar fins muito elevados não deve obscurecer as difficuldades com que luctam os operarios—que sujeitam-se a pequeno salario em um ser-

viço que lhe consome o dia inteiro.

Oito horas de serviço durante o dia é mas que conveniente para a realisação de grandes empresas—; mesmo porque não é o horario que adianta serviço—mas a boa regularisação e direcção dos trabalhos.

Diminuir o horario do trabalho ou augmentar os salarios dos operarios, é, actualmente, uma necessidade tão palpitante que sobressae á primeira vista.

Os operarios são pobres, pauperrimos mesmo, mas não obstante esta qualidade que só a sorte se deve, elles, como todo o homem da *alta aristocracia*, também, precisam de commodidades indispensaveis ao bem estar da vida physica; elles têm, de concorrer com um não pequeno tributo para as necessidades da nação—e não será sem muita difficuldade, que conseguirá, occorrer, a tempo, a todas as necessidades de sua vida.

Digne-se, pois, quem compete de attender a essa justa reclamação que fazemos em nome das familias desses homens desfavorecidos da fortuna.

Voltaremos ao assumpto.

LETRAS E ARTES

Obrigatoriedade e liberdade do ensino primário

I

Não cremos que seja ainda hoje necessario defender theoreticamente o salutar prin-

cipio da obrigatoriedade do ensino primario. É uma questão julgada e que passou ao dominio da pratica.

Facta leguntur.

O principio da obrigatoriedade do ensino é uma das conquistas mais esplendidas da civilisação moderna.

A antiguidade e a idade media, que não tinham uma intuição muito justa da solidariedade humana, não podião deixar se imbuir das nobres aspirações de altas tendencias democraticas e cosmopoliticas.

O saber, o grande operario da confraternidade contemporanea, não era tido em mui elevada conta, era até desdenhado por certas classes, e, portanto, não poderia jamais tornar-se obrigatorio.

As nações modernas, com a descoberta e desbravamento de regiões inteiras desconhecidas, com a fundação de nacionalidades novas, com o augmento paucoso da população, com a decrepitude das velhas organizações militares, com o advento de industrias desconhecidas, inilludiveis, comprehendem que na luta pela existencia os seus cidadãos não terião de então em diante de contar só com o braço; seria necessario contar antes e acima de tudo com a idéa. Dahi a alta

conta em que foi tida a instrucção, dahi, como arma de aperfeiçoamento e letia, o ensino obrigatorio.

A nação illustre, que se pôde considerar o grande modelo em materia de educação intellectual, a Prussia, é a notavel mestra do ensino obrigatorio.

Desde os tempos do grande Frederico, a instrucção publica prussiana entrou nesse caminho evolucional de amplo e auspicioso desenvolvimento. Esmagado em 1806 pelos exercitos francezes, foi, como geralmente se repete, ainda a instrucção que soccorreu-se aquelle povo para reerguer-se. O resultado foi, o que todos sabem, o engrandecimento constante da patria de Humboldt, sua marcha de victoria em victoria até Sedan.

Não foi por certo exclusivamente a obrigatoriedade do ensino que a Alemanha deveu os seus triumphos; mas á sua educação modelo deve ella grande parte de suas vantagens. Abriguemo-nos neste exemplo que é também o dos Estados Unidos, Suissa, Dinamarca e Inglaterra.

E se taes modelos não nos convêm, por serem de povos protestantes, pertencentes ás raças germanicas, gentes do norte, abriguemo-nos no exemplo recen-

te fornecido pela nossa adorada mestra—a França, a que devemos sempre e sempre obedecer.

As abjeções oppostas á obrigatoriedade do ensino primario, taes como offensa á liberdade dos cidadãos, ataque ao direito dos pais, etc., achamo-las tão fúteis que não as julgamos dignas de resposta.

Os meios praticos de tornar effectiva a obrigatoriedade do ensino são de tres ordens—sua gratuidade aos pobres, a diffusão de escolas, por todo o paiz, especialmente nos centros mais populosos, e a imposição de penas aos pais, tutores, protectores, etc., que não mandarem á escola seus filhos, pupillos, protegidos, etc.

Estas medidas justificão-se por si mesmas. A diffusão das escolas é uma condição indispensavel para legitimar a exigencia por parte do estado. Se elle impõe a obrigação de aprender aos subditos, é obvio que deve facilitar a acquisição do ensino. A gratuidade para os pobres achase nas mesmíssimas condições. Na Europa, em paizes onde abunda o pauperismo, além da gratuidade, os governos e municipalidades distribuem ás crianças desvalidas—ronpas, livros e utensilios indispensaveis ao ensino.

Para isto provoca-se a criação de comissões escolares com certos fundos. A gratuidade para os ricos parece nos dispensavel. Quanto as penas devem ser: multas, perda de certos direitos polijicos e prisão em casos de tenaz reincidencia.

Pertence ao tino e perspicacia do legislador grada-las convenientemente, attenta algumas circumstancias praticas, a maior ou menor intensidade dessas penas.

SYLVIO ROMERO
(Continúa).

PALMYRA

Uma noite o poeta sonhou a virgem dos seus amores, lóura como as ultimas scintillações dos raios mornos do sol por entre as nuvens do crepusculo vespertino, linda como o des-pontar encantador de uma limpida manhã de primavera.

Julgou-a junto a si e despertou. Creu então no delirio a que chega muitas vezes o espirito quando preoccupado com os encantos idêaes.

Não mais adormecem e entrou a scismar profundamente. Tinha gravada na mente a imagem apaixonada de sua deusa e nutria por ella uma paixão ainda mais intensa, lembrando-se

dos seus dois olhos côr da cupola celeste.

Amanhecia.

A aurora surgia d'entre as trevas densas da noite como surge de uma floresta espessa inumeros insectos multicores, impellidos pela monotona viração das folhas rorejadas. E os fios dourados que o sol começava a projectar no espaço de encontro ás muitas nuvens que o cercavam, embaciando-o com suas cores pardacentas, o poeta comparava os com os louros cabellos de sua Palmyra.

A maviosa saudação da passarada ao dia nascente como que alava a alma do triste sonhador ás regiões infundadas do ether. Ouvindo-a, elle parecia escutar a voz philomelica de sua vida.

E o sol attingia pressuroso ao zenith.

Cahi a tarde.

O astro rei mergulhara-se já nos mundos occidentaes, deixando o horisonte semelhante a uma cinta afogueada.

O poeta deixou a solidão de seu gabinete para visitar a virgem lóura dos seus cantares. Caminhou sempre pensativo. No término do tracto deparou com um jardim que cercava a casa sob cujo tecto sentira pela vez primeira um amor san-

to l... Alguma idéa estranha invadiu-lhe o cérebro sonhador, afeito ás divagações phantasticas.

Com passos hesitantes, transpoz o pobre poeta o limiar da habitação a que chegára. Dentro, em tudo viu estampado um sello tristonho. A recepção foi fria. O pallido bardo quasi advinhou a nova terrível que lhe iam transmitir.

— Sua noiva casou-se, disseram lhe.

Como si o fulminasse um raio! Reconhecem então que já não era mais amado, que não poderia sentir mais o doce offegar do coração da virgem dos seus amores, lou-ra como as ultimas scintillações dos raios mortos do sol por entre as nuvens do crepusculo vespertino l...

E hoje o poeta vê todas as noites a imagem loura de sua noiva durante o sono...

De manhã, em vez de traduzir em melodias o gorgear sempre alegre da passarada saudando o dia nascente, chora de dôr, escutando as harmonias que outr'ora pensou escutar dos labios roseos de Palmyra...

E a tarde, lembrando-se do tempo em que guardava ansioso esta hora sublime de amor e de poesia, o desditoso vate chora, recordando-se do tempo em que so-

nhou a virgem dos seus amores, linda como o des-pontar encantador de uma limpida manhan de primavera...

JOÃO WANDEKLEY

TRIOLETS

I

Os pães do procurador
Já não se pode comer,
No tamanho causa horror
Os pães do procurador.
— Consciencia queira ter
Para dar-lhes mais valor.
Os pães do procurador
Já não se pode comer!

II

A carne, virgem maria,
Quem é q' comprar pode?
A crusado! Que valia l?
A carne, virgem maria!
E' melhor comer o boda
Quem soffre tanta arrelia.
A carne, virgem maria!
Quem é q' comprar pode?

III

Da vinagreira ha fartura,
P'ra quem gosta do kuchá;
Mas, isso não dá gordura...
Da vinagreira ha fartura.
O assucar caro está
Tambem cara a rapadura.
Da vinagreira ha fartura,
P'ra quem gosta do kuchá.
ZEK A BRITO

C. C. C. Codoense

Já começaram os serviços desta companhia, e segundo nos consta, segunda-feira proxima terá logar a collocação solemne da primeira pedra do edificio.

En não sei minha firmeza para contigo o que tem só me pede o coração, amar te quererte bem.

Dr. Palmerio

Para Caxias seguiu este distincto cavalleiro onde vae exercer a sua nobre profissão.

Luiz Suathê

E' esperado nesta villa este cidadão, irmão do nosso amigo Pedro Q. Suathê, que sahirá de S. Luiz a 20 deste mez.

Seja bem viado.

Febres

Muitas chuvas tem havido nestes ultimos dias mas em compensação muito lameiro—e muitos depositos d'agua fedentina e pestilencial que tem concorrido para o desenvolvimento das febres e sezões que grassam actualmente.

Se a vida do povo interessa alguma cousa a municipalidade, digne-se esta velar por aquelle.

Partida

Seguiu para o Rio o sr. Angelo M. Baima a tratar de negocios do seu interesse.

Typ. CODOENSE—1893

